

A experiência como atitude metodológica na pesquisa em teatro

Narciso Telles (UFU)

GT Pedagogia do Teatro e Teatro na Educação

Palavras-Chaves: pesquisa em teatro, pedagogia do ator, experiência

O conceito de experiência, conforme acionado nos campos filosófico, educacional e teatral, é importantíssimo pois possibilita abarcar o processo de ensino-apredizagem teatral num entrecruzamento constante de olhares e fazeres entre os sujeitos participantes.

O filósofo alemão Hans – Georg Gadamer (1996) ao apresentar os aspectos fundamentais de uma hermenêutica filosófica articula seu pensamento com o conceito de experiência. Ao explicitar a essência da experiência hermenêutica, Gadamer discute o conceito de experiência na história do pensamento ocidental e como tal foi compreendido por Bacon, Aristóteles, Hegel. Os pontos apontados por Gadamer que consideramos fundamentais para nossa análise são: a negatividade da experiência, o homem experimentado, a abertura para o outro.

A negatividade da experiência é apontada por Gadamer, com base no pensamento hegeliano, que ele denomina “momento dialético da experiência” (1996, p. 522). Sempre que estamos envolvidos em uma experiência não temos conhecimento *a priori* das coisas que só se apresentam após experienciadas, ou seja, após a experiência possuímos um saber abrangente sobre aquele fenômeno antes desconhecido.

A experiência que fazemos transforma todo o nosso saber. [...] Aquele que experimenta se torna consciente de sua experiência, tornou-se um experimentador: ganhou um novo horizonte dentro do qual algo pode converter-se para ele em experiência. (Ibidem, p. 522)

Esta consciência que o homem adquire ao passar pela experiência configura-se num novo momento deste diante do objeto/fenômeno, que, segundo Hegel, “*o próprio homem tem que estar nele, ou, mais precisamente, que tem que encontrar este conteúdo unido e em unidade com a certeza de si mesmo*” (Ibid., p. 524)

Com base no pensamento hegeliano, Gadamer afirma:

[...] o homem experimentado é sempre o mais radicalmente não dogmático, que, precisamente por ter feito tantas experiências e aprendido graças a tanta experiência, está particularmente capacitado para voltar a fazer experiências e delas aprender. (Ibid., p. 525)

Nesse sentido, “experenciar” não seria apreender o mundo, mas formá-lo na medida em que é experienciado, continuamente re-formá-lo” (FABIÃO, 1999, p. 399). Para Gadamer é este movimento que devolve ao homem o conhecimento de sua finitude, pois cada experiência faz com que perceba sua limitação diante do mundo.

Um último aspecto do pensamento de Gadamer que desejamos abordar é a experiência do tu. Esta se configura, no terreno da hermenêutica, com a consciência histórica, pois a compreensão do outro – no passado – implica uma abertura para o entendimento da alteridade em todos os seus aspectos. Para Gadamer, “a relação entre o eu e o tu não é imediata, mas reflexiva.”(p. 530) Isto implica uma abertura, pois, “o reconhecimento de que devo estar disposto a deixar valer em mim algo contra mim, ainda que não haja nenhum outro que o vá valer contra mim” (p. 532), de forma que o tu não se instaure apenas do lugar de outro, mas que estando neste lugar possa me dizer algo.

A experiência como atitude de pesquisa poderá proporcionar ao pesquisador e pesquisados a possibilidade de “pertencer-se uns aos outros [...] e ao mesmo tempo poder-ouvir-se-uns-aos-outros” (p. 532).

Este conceito de experiência define, de antemão, não apenas a parcialidade do observador, como também sua participação efetiva no fato em questão, já que o entrelaçamento olhar-objeto é intenso.

Para Walter Benjamin a experiência é o conhecimento obtido por meio do acúmulo, do prolongamento e desdobramento de experiências. Ao contrário da vivência, outro conceito acionado pelo filósofo, a experiência tem um sentido cumulativo para o sujeito enquanto que a vivência relaciona-se a uma impressão forte que necessita de assimilação imediata.

Ao analisar a relação do homem com a máquina na formação da multidão metropolitana na obra de Charles Baudelaire, Benjamin aponta algumas questões importantes sobre a articulação entre experiência e prática. Segundo Benjamin, o adestramento do operário para o trabalho com a máquina é diferente da prática da manufatura, pois “esse adestramento deve ser diferenciado da prática. Com base na prática qualquer setor da produção encontra através da experiência uma forma técnica que lhe corresponda; e, lentamente, este setor se aperfeiçoa” (1991, p. 125).

Parece-nos interessante a percepção de que a experiência como prática possibilita ao sujeito exercer escolhas, que, no caso, seria de uma técnica que gere seu aperfeiçoamento.

O pedagogo espanhol Jorge Larossa Bondia define o termo experiência como, “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca”. E continua: “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (2002, p. 21). Para ele o sujeito moderno encontra-se submerso no mundo da informação, do excesso de opinião, da falta de tempo e excesso de trabalho.

Por sua vez, o sujeito da experiência

[...] se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua recepção, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se [...] de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDIA, 2002, p.24)

Neste sentido, este sujeito se expõe à vulnerabilidade e ao risco na construção de seu saber.

Para Larrosa, o saber da experiência é aquele que se dá entre o conhecimento e a vida humana, ou seja, é o que adquirimos na medida em que respondemos ao que nos acontece ao longo da vida. Diz ele:

O saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular [...] Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. [...] O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está como o saber científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (Ibidem, p. 27)

Esta noção também está presente nas reflexões do teatrólogo Marco de Marinis. Em diálogo com Eugenio Barba, de Marinis parte da fórmula stanislavskiana “ter experiência em arte” para analisar o sentido desta expressão nos escritos do referido diretor. Para Barba, ter “experiência em arte” significa “ter uma experiência profunda do trabalho da criação teatral e em primeiro lugar do trabalho do ator” (MARINIS, 1995, p. 55). Assim a noção de experiência, no sentido de um conhecimento técnico específico, passa a ser entendida como necessária para o bom exercício reflexivo no campo artístico. Nesta perspectiva, instauram-se duas formas de competência epistemológica: uma competência passiva (conhecimento sem uso) e uma competência ativa (conhecimento aplicado).

De Marinis enuncia, pelo menos, três tipos de experiência-compreensão no campo teatral:

- 1) a experiência-compreensão do artista de teatro, e em particular do ator, fundada sobre a competência ativa;
- 2) a experiência-compreensão do espectador comum, fundada sobre uma competência passiva e quase implícita, intuitiva;
- 3) a experiência-compreensão do teatrólogo, fundada principalmente sobre uma competência passiva mas fortemente explícita (teórica). (MARINIS, 1995, p. 60)

A tipologia da experiência-compreensão, apresentada pelo teatrólogo Marco de Marins, apresenta-se como uma perspectiva de trabalho investigativo na área da pedagogia do teatro, tomando-se como referência a experiência-compreensão do artista-docente fundada sobre a competência ativa, ou seja, pelos meandros do saber-fazer-ensinar teatro e suas dinâmicas. Neste trabalho, nosso objeto de investigação se localiza no lugar da prática, pois todos os processos de ensino-aprendizagem aqui analisados estão focados no trabalho prático e técnico do ator.

A experiência e o seu explicar são conceitos também acionados pelo biólogo do conhecimento Humberto Maturana em seus estudos sobre o conhecimento e a linguagem. Maturana chama atenção para o

fato de que freqüentemente juntamos o explicar com a experiência que queremos explicar: “explicar é sempre propor uma reformulação da experiência a ser explicada de uma forma aceitável para o observador” (2001, p. 40). Assim a experiência para ser explicada necessita de uma reformulação que garanta sua aceitação como tal. Para explicar a experiência, Maturana observa dois caminhos: o da objetividade-sem-parênteses e o da objetividade-entre-parênteses.

No primeiro caminho explicativo agimos como se fosse válido em função de uma referência a algo que existe independente de nós. Aceitamos que “*existe uma realidade transcendente que valida nosso conhecer e nosso explicar, e que a universalidade do conhecimento se funda em tal objetividade*” (p. 46).

O segundo caminho é defendido pelo autor como o mais indicado para explicar a experiência, pois “colocando a objetividade-entre-parênteses, eu dou conta de que não posso pretender que eu tenha a capacidade de fazer referência a uma realidade independente de mim” (p. 47). Este percurso explicativo não trabalha com a existência de uma verdade absoluta nem de verdades relativas, mas com a existência de muitas verdades em campos distintos.

A explicação da experiência sempre se ancora em práticas experienciais, na observação de um dado fenômeno e na nossa leitura deste ato, pois a experiência ocorre no fazer. “*O que se faz, simplesmente acontece*” (p. 57). Nesta explicação, múltiplos domínios de realidade são acionados, construindo um caminho explicativo a partir das coerências das práticas experienciais do observador, ou seja, a análise de um processo no qual estamos inseridos como partícipes é demarcada pelo conjunto de atividades vivenciadas por nós na experiência. Esta vivência é única para cada pessoa e possibilita que cada um possa fazer uma explicação diferenciada sobre uma dada experiência.

Se ampliarmos esta idéia, podemos admitir que a experiência constitui um caminho viável para a pesquisa teatral a que nos propomos, na medida em que viabiliza a aquisição corpóreo-sensorial dos procedimentos de atuação propostos pelos grupos investigados. Pretendemos, ao procurar explicar um conjunto de experiências vividas pelo pesquisador, contribuir com os processos de investigação teatral no qual o pesquisador se encontra corporalmente envolvido e cujos objetivos estejam vinculados à análise das ações cotidianas existentes em processos de criação e/ou de ensino-aprendizagem, de forma que o pesquisador perceba que “experenciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo” (SPOLIN, 2000, p. 3), e, desta forma, possa contribuir para uma ampliação dos caminhos metodológicos em curso na pesquisa teatral, buscando uma radicalidade do conceito de experiência, onde o olhar do investigador também passe por seu corpo, suas emoções e seu fazer. Cientes deste campo de tensão, operamos o conceito de experiência, na perspectiva de um trajeto de indissociabilidade entre pesquisa acadêmica, prática pedagógica e prática artística que pretendemos seguir.

Estas noções possibilitaram a compreensão e a percepção das dinâmicas cotidianas engendradas nestes objetos de análise, pois focalizam as relações existentes entre um experimentador/agente e as zonas de experiência/ação, em seus aspectos espaciais, organizativos e de vivência corpóreo-sensorial.

Bibliografia

ALBANO, Ana A. M. **Tuneu, Tarsila e outros mestres**. São Paulo: Plexus, 1998.

ALVES, Nilda. “Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas”. In: OLIVEIRA, Inês & ALVES, Nilda (orgs). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13 – 38.

ANDRÉ, Marli Eliza. **A etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1996.

BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza”. In: **Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 114 – 119.

_____. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In: **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo – Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, v. III 1991. p. 103 –145.

BONDIA, Jorge Larrosa. “Notas sobre experiência e o saber de experiência”. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.

CARREIRA, André; CABRAL, Biange; RAMOS, Luiz Fernando; FARIAS, Sérgio Coelho (orgs.) **Metodologias de pesquisa em Artes Cênicas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

FABIÃO, Eleonora Batista. “História do espetáculo: presente e presença”. In: **Memória ABRACE I - ANAIS DO I CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**, São Paulo, 15 a 17 de setembro de 1999. Salvador: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE, 1999. p. 396-400.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Petrópolis, Vozes, 1996.

MARINIS, Marco de. “Ter experiência em arte: para uma revisão das relações teoria/prática no contexto da nova teatrologia” [tradução não publicada de André Carreira] In: PELLETTIERI, Osvaldo & ROVNER, Eduardo. **La Puesta en Escena en Latinoamerica: Teoría Y Practica Teatral**. Buenos Aires: Editorial Galerna/GETEA/CITI, 1995. p. 55 – 62.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **A dança na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

STAZZACAPPA, Márcia & MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência**. Campinas: Papirus, 2006.

TELLES, Narciso & CARNEIRO, Ana (org.) **Teatro de rua: olhares e perspectivas**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.